

INFLUÊNCIA DO HEBRAICO NA LÍNGUA PORTUGUESA

Algumas anotações

É considerável a lista daqueles que têm publicado em Portugal gramáticas ou outros estudos de língua hebraica. Pode mesmo verificar-se que, desde o século XV até aos nossos dias, existe entre nós uma tradição de bons hebraístas ¹. Não quer isto dizer que ultimamente não tenha diminuído o número dos que se dedicam ao estudo do hebraico, mesmo a nível rudimentar. Concorre certamente para isso o facto de aparecer só como curso de opção nas Faculdades de Letras, leccionado apenas na Universidade de Coimbra, e como curso semestral na Faculdade de Teologia da U.C.P.. Além disso, apenas subsiste como curso muito secundário nalguns Seminários, quase sem alunos. É curioso este estado de coisas quando se estabelece comparação com o que se passa com o árabe, cujo estudo é de menores tradições em Portugal. Repare-se por exemplo que a primeira gramática árabe publicada em Portugal, de que vulgarmente se tem conhecimento, é de 1774, tendo nós dado a conhecer uma outra que está manuscrita e ainda inédita de 1584-5 ². De facto o árabe é leccionado nas Faculdades de Letras de Lisboa e Coimbra e bem assim no Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina.

Uma das razões para este interesse crescente pelo árabe e mais desinteresse pelo hebraico deve situar-se na finalidade que se tem posto no seu respectivo estudo. Apesar de serem ambas línguas religiosas, uma ao serviço da Bíblia e outra ao serviço do Corão, têm sorte diversa: a primeira tem sido estudada em função da exegese bíblica; a outra estuda-se principalmente por causa das suas incidências no português. E não há dúvida de que os estudos linguísticos sobrepõem de momento, em popularidade e em número de adeptos, os estudos teológicos.

¹ A confirmar isto, leia-se por exemplo; MOSES BENSABAT AMZALAK, *Portuguese Hebrew Grammars and Grammarians*, Lisboa, 1928 (comunicação apresentada no XVII Encontro Internacional de Orientalistas, Oxford, Agosto de 1928); IDEM, *Dicionaristas e Dicionários hebreo-portugueses*, separata de «Miscelânea Científica e Literária», em homenagem ao Dr. J. Leite de Vasconcelos, Coimbra, 1931; MANUEL AUGUSTO RODRIGUES, *Gramática elementar de Hebraico*, Coimbra, 1967, V-XV.

² Referimo-nos a: FR. ANTÓNIO BAPTISTA, *Instituições da Língua Arabiga*, Lisboa, Regai Officina Typografica, 1774, VIII + 370 pp; FR. PEDRO, gramática inédita no ms. 475 da Biblioteca Municipal do Porto, fol. 164-200. Demos notícia desta obra em *Línguas Orientais num manuscrito do séc. XVI*, «Didaskalia», Vol. III, 1973, 157-180.

Não seria caso para se rever o objectivo do estudo do hebraico? A língua portuguesa possui certamente palavras que vêm do árabe e existem estudos muito válidos sobre o assunto³. Mas não faltam também à língua portuguesa vocábulos, imagens literárias e expressões semíticas com origem no hebraico. Por que motivo não estudar atentamente as influências hebraicas, habitualmente por via bíblica, no nosso idioma? O campo é certamente vastíssimo, pois coincide em boa parte com a incalculável influência da Bíblia na formação das línguas cristãs, seja através dos textos originais, hebraico, aramaico e grego, seja especialmente através das versões latinas, particularmente da Vulgata. Era esse texto latino usado na liturgia, ouvido, comentado, explicado na pregação, repetido de cor em inúmeras passagens, o que já se não verifica quando é traduzido de diferentes modos nas diversas línguas vernáculas. A língua hebraica podia não ser conhecida directamente e até pouco estudada por causa da sua complexidade fonética, morfológica e sintática, mas a sua influência iria exercer-se através desse latim bíblico eivado de hebraísmos. Esta força da Bíblia com o seu dinamismo constante no processo linguístico não deveria descurar-se. Entra aqui o capítulo que apenas esboçamos: a influência do hebraico na língua portuguesa. Com efeito, e diferentemente do que acontece com o árabe, as influências hebraicas na nossa língua são devidas especialmente à Bíblia e não tanto ao contacto com os judeus, cuja presença em Portugal é aliás remotíssima, pelo menos desde o século III⁴.

Um estudo, mesmo só de carácter etimológico, não poderia limitar-se ao período que precede a diferenciação da língua portuguesa, pois o influxo hebraico continua com valor variável no decorrer dos tempos, através das nossas versões. Um dos processos para determinar cronologicamente a entrada de certos vocábulos ou expressões de índole hebraica na nossa língua poderia consistir na história do aparecimento das nossas versões bíblicas, sua aceitação por parte dos escritores e sua divulgação no público⁵. É claro que o conhecimento dum vocábulo na língua original, o significado mais ou menos fiel com que foi introduzido no léxico português, a sua evolução no decorrer do tempo (e coisa parecida se poderia fazer com o estudo de fraseologia de índole hebraica), seriam etapas num trabalho de investigação desta natureza. Poderiam apontar-se como temas concretos estes: passagem de palavras para o léxico português pela simples transliteração; nomes próprios, sendo alguns inteiramente vulgarizados e outros que não saíram tanto das páginas bíblicas; vocábulos portugueses de raiz hebraica; palavras latinas com significado religioso

³ Entre os mais recentes, menciona-se o interessante artigo de ANTÓNIO DIAS FARINHA, *Contribuição para o estudo das palavras portuguesas derivadas do Árabe hispânico*, «Portugaliae Historica», Vol. I, Lisboa, 1973, 244-265. Aí se indica alguma bibliografia sobre o assunto.

⁴ M. A. RODRIGUES, ob. cit., VI.

⁵ Constituem valioso subsídio para um estudo desta natureza dois artigos da autoria de J. MENDES DE CASTRO publicados nesta revista: *Versão medieval do Livro de Job*, Vol. II, 1973, 83-132; *A Bíblia no Leal Conselheiro*, Vol. I, 1971, 251-261. Neste último, comprova como o *Leal Conselheiro* «se formou com material bíblico». Ao fazer o cômputo das citações bíblicas, aponta mais de duas centenas e informa que D. Duarte «assimilou de tal modo a literatura sagrada que muitas vezes subsiste a dúvida se tal frase ou vocábulo é do Rei ou da Escritura». Verifica igualmente como o rei escritor «inclui na sua obra vários trechos de outros autores, também eles recheados de ensinamentos da Escritura» (p. 254).

que lhe veio por via bíblica; hebraísmos em determinadas expressões de uso mais ou menos estereotipado; imagens bíblicas generalizadas em fraseologia corrente...

Um dos motivos que concorreu para a introdução de hebraísmos no português foi a preocupação religiosa dos tradutores em manterem a rigorosa fidelidade literal, o que não impediu de vez em quando o recurso a paráfrases explicativas no próprio texto. É certo que nalguns casos não é fácil apresentar o conteúdo sem a forma, mas noutros haveria possibilidade. O facto é que habitualmente os tradutores, empenhados em nada prejudicar o pensamento e o espírito, mantiveram o elemento formal que quase insensivelmente se foi incorporando na língua que falamos.

Actualmente há uma preocupação maior com o conteúdo do que com a forma e a busca duma equivalência dinâmica leva a substituir em muitos casos os próprios semitismos⁶. É pois natural que em futuras versões portuguesas não sejam tão abundantes tais semitismos e hebraísmos como foram no passado. Entretanto alguns não poderão eliminar-se, tal como não podem desaparecer os que já estão perfeitamente integrados na língua portuguesa, sendo aquisições antigas.

Para vermos a persistência de hebraísmos mesmo em versões recentes, vamos exemplificar com o Evangelho de S. Marcos, em duas edições de há cerca de vinte anos e duas aparecidas o ano passado. Escolhemos as duas últimas por serem de agora e as duas primeiras por serem então as mais generalizadas, como supomos, uma entre protestantes e outra entre católicos. Ei-las:

«A Bíblia Sagrada», edição revista e corrigida, traduzida por João Ferreira de Almeida, Lisboa, 1954 (especialmente em uso entre protestantes). «Bíblia Sagrada», traduzida da Vulgata e anotada pelo P. Matos Soares, 9.^a edição, São Paulo, 1955 (mais em uso entre católicos). «O Santo Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo», tradução dos originais pelo Instituto Bíblico de Roma, versão portuguesa a cargo do Rev. Dr. Aires Augusto do Nascimento, Lisboa, 1973. «Evangelhos e Actos dos Apóstolos», tradução de S. Martins dos Reis, Porto, 1973.

Observaremos ainda a tendência para eliminar hebraísmos, substituindo-os por expressões da linguagem corrente numa versão interconfessional que acaba de vir a público com o título de «A boa nova para toda a gente — o Evangelho de Jesus Cristo escrito por S. Marcos»⁷. Usaremos na análise comparativa que vai seguir-se de siglas correspondentes às versões que acabamos de indicar. Pela respectiva ordem: F.A., M.S., A.N., S.R., Int.

⁶ Cfr. WILLIAM L. WONDERLY, *Bible Translations for popular Use*, col. «Helps for Translators», Vol. VII, London 1968; EUGENE A. NIDA and CHARLES R. TABER, *Theory and Practice of Translation*, col. «Helps for Translators», Vol. VIII, Leiden 1969. Orientações e técnicas de tradução são oferecidas também na revista semestral *The Bible Translator*, de «United Bible Societies», London.

⁷ Nesta versão colaboram peritos católicos e protestantes, tendo em conta orientações das Sociedades Bíblicas Unidas e da Federação Católica Mundial para o Apostolado Bíblico. Versões semelhantes têm sido feitas noutras línguas. Citam-se como exemplo: *Good News for modern man*, 3.^a ed. New York, 1971; *Die gute Nachricht*, 3.^a ed. Stuttgart, 1971; *Bonnes Nouvelles aujourd'hui* (impresso em Itália, mas propriedade da «Société Biblique Française») 1971; *Dios llega al hombre*, Madrid 1971.

Transliteração

Nos poucos exemplos do Evangelho de Marcos, notemos como varia o processo de transliteração de autor para autor, o que manifesta falta de critérios seguros e uniformes que seriam de desejar:

5,41 — talitha cumi (F.A. e M.S.)

talithacum (A.N.)

talitah, kúm (S.R.)

talita cumi (Int.)

15,34 — Eloi, Eloi lamma sabachthani (M.S.)

Eloi, Eloi, lama sabachthani (F.A.)

Eloi, Eloi lamá sabachthani (A.N.)

Élò-hi! Élò-hi! lá-mah sabakkt-aní (S.R.)

Eloí, Eloí, lamá sabactáni (Int.)

Transliteração de vocábulos isolados que são registados em dicionários de português:

7,11 — corban (F.A.), qorban (A.N.), korban (S.R.). Não fazem a transliteração M.S. e Int., mas preferiram traduzir a palavra por «oferta», «oferta a Deus».

Corbā do hebraico קָרְבָּן^τ transcrita no grego κορβᾶν é vocábulo registado no «Dicionário de Moraes», 10.^a ed., 1945, a significar «uma oferta a Deus, particularmente de voto».

14,36 — abba (F.A. e M.S.), Abá (A.N.), abbáh (S.R.).

A palavra *aba* é registada no «Dicionário prático e ilustrado» de Lello & Irmão, Porto 1966, a designar «título de bispo, em algumas igrejas orientais». Da mesma raiz hebraica אב^τ = pai, deriva o vocábulo *abade* (por via do grego bíblico ἀββᾶς, como nos adverte já Rosa Viterbo no *Elucidário*)⁸.

14,45 — rabbi (F.A.), Rabbi (S.R.). É evidentemente a transliteração de רַבִּי^τ = mestre, que aparece no dicionário de Lello & Irmão sob a forma *rabi*, apontando-lhe significado igual ao de rabino.

16,20 — ámen ou amém, do hebraico אָמֵן^τ. Lê-se noutras passagens deste mesmo Evangelho e é típica das fórmulas de juramento. Entrou no léxico português com o significado de assentimento, acordo.

Outros vocábulos portugueses de origem hebraica que se encontram no Evangelho de Marcos:

sábado (1,21), do hebraico שַׁבָּת^τ;

fariseu (2,16), pelo grego φαρισαίος^τ e latim «phariseum», mas certamente da raiz aramaica פָּרַשׁ = separar;

⁸ FR. JOAQUIM DE SANTA ROSA DE VITERBO, *Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram*, ed. crítica por Mário Fiuza, Vol. I, Porto-Lisboa, 1965.

saduceu (12,18), chegando também por via grega σαδδουκαίον e latina «sadducaeu», provém do hebraico e provavelmente do patronímico שָׁדוּכַי;

holocausto (12,33): embora mantenha em português a sua forma grega, o primeiro elemento do vocábulo é hebraico עֹלָה a significar «subir», designando a «subida» do sacrifício para Deus;

páscoa (14,1), certamente do hebraico פֶּסַח, via grega e latina.

Poderia acrescentar-se a lista dos nomes próprios que aparecem neste Evangelho, alguns muito generalizados na língua portuguesa, como é o caso de Maria, José, Jesus, nomes dos Apóstolos, etc., e outros mais raros como Bartimeu (11,46), Beelzebu (3,22), Gólgota (15,22), etc..

Expressões de índole hebraica

1,2 — *ante a tua face* (M.S.). É tradução literal da frase grega πρὸ προσώπου σου a qual por sua vez é versão material do hebraico לְפָנֶיךָ onde se encontram, de forma bem contracta, os três elementos: preposição, substantivo e pronome. A frase semítica vem de Mal. 3,1 e foi reproduzida no grego dos LXX e do NT, onde aparece repetidas vezes, por ex. Lc. 7, 27; Mt 11, 10 e, fora de citação, em Lc 9, 52; 10, 1; Act. 13, 24. Significa simplesmente «diante de», ou «na frente de», como traduziram S.R. e Int. «diante de ti» «à tua frente»⁹.

7,10 — *morrerá de morte* (F.A.). Traduz literalmente o grego θανάτω τελευτάω que assim reproduziu por imitação o infinitivo absoluto hebraico מוֹת יָמֹת. O semitismo exprime uma preocupação enfática: «ele tem de morrer». Poderá certamente corresponder a «seja punido de morte» (M.S., A.N., S.R.) ou «seja condenado à morte» (Int.)¹⁰.

8,27 — *perguntar dizendo* (F.A.). É normal e de uso frequentíssimo, mesmo em Mc., o particípio grego λέγων correspondente ao hebraico לֵאמֹר = dizendo, depois dos verbos que significam: dizer, perguntar, responder, falar, etc., para introduzir uma oração directa. O conhecido e vulgaríssimo hebraísmo pode ser simplesmente traduzido por um só verbo, usando os dois pontos¹¹.

8,35 — *salvar a sua alma* (M.S.). É a tradução fiel e literal do grego τὴν ψυχὴν αὐτοῦ σῶσαι. A verdade é que a palavra ψυχή traduz o hebraico נֶפֶשׁ que não tem um significado único, mas pode ser: «alma», «vida», ou a forma reflexiva «a si mesmo»¹². Do conceito básico «alma», passa-se para «vida»,

⁹ Cfr. ROBERT G. BRATCHER and EUGENE A. NIDA, *A Translator's Handbook on the Gospel of Mark*, Col. Helps for Translators, Vol. II, Leiden, 1961, 6 s.

¹⁰ Este dativo associativo, que é tradução do infinitivo absoluto hebraico, empregado nos LXX e no NT, encontra analogias em idiomas clássicos, como se lê em F. BLASS and A. DEBRUNNER, *A greek grammar of the New Testament*, Chicago, 1967, n.º 198.

¹¹ Cfr. M. ZERWICK S. J., *Gracitas Biblica*, 3.ª ed. Roma, 1955, n.º 260; F. BLASS and A. DEBRUNNER, Ob. cit., n.º 420.

¹² Cfr. M. J. LAGRANGE, *Evangile selon Saint Marc*, Paris, 1966, 222-224. Que a expressão grega τὴν ψυχὴν αὐτοῦ seja uma transposição do idioma semítico com força reflexiva nalguns casos, afirma-o F. BLASS and A. DEBRUNNER, Ob. cit. n.º 283, 4.

«pessoa» e «a si mesmo». Neste caso, o hebraísmo pode entender-se como «salvar a sua vida», como fazem F.A., A.N. e S.R., sem se rejeitar a hipótese de corresponder ao pronome reflexo de «salvar-se».

8,39 — *provar a morte* — («não provarão a morte» M.S. em 8,39 e F.A. em 9,1). Também aqui é tradução literal do grego οὐ μὴ γεύσονται θανάτου que mantém o semitismo da frase אֵלֶּיךָ יִטְעֲמוּ מוֹת¹³. É evidente que provar tem

um sentido figurado de «ter experiência», «chegar a conhecer», perfeitamente de acordo com a índole do conhecimento para um semita. *Provar a morte* significa simplesmente *morrer* (A.N. e Int). Verifica-se que nalgumas traduções se manteve um certo paralelismo com expressões deste género: «sentir a morte», «ver a morte», «sofrer a morte»¹³. Já se distancia um pouco mais o «passar pela morte» que se lê em S.R..

10,8 — *serão os dois numa só carne* (F.A.) — Na frase há duplo hebraísmo «serão em» tradução literal do grego bíblico ἔσονται... εἰς que assim verteu o hebraico הָיִיהֶם...בְּ...¹⁴. Significa simplesmente «tornar-se» ou «ser» com o respectivo nome predicativo sem qualquer preposição. 2) O outro está na palavra carne σαρκί, no hebraico בָּשָׂר que ultrapassa o elemento material para designar a pessoa toda. A expressão denota uma relação profundamente íntima que certamente se mantém nas versões: «os dois formarão uma só carne» (M.S.) ou «formarão uma só carne» (A.N. e S.R.) que conservaram ainda o hebraísmo. A versão Int. eliminou-o traduzindo por «pessoa»¹⁵.

10,38 — *beber o cálice* (F.A., M.S., A.N., S.R.). No grego temos πίνειν τὸ ποτήριον. A palavra ποτήριον, embora mantenha em muitos casos o seu significado normal de cálice ou taça, adquire nalguns casos no grego bíblico este que é semítico: «sorte», «destino»¹⁶. A própria expressão «beber o cálice» é um semitismo que exprime a ideia de sofrimento, como várias vezes no AT (Sl. 75, 9; Is. 51, 17-22; Jer. 25, 15). Sem eliminar totalmente o semitismo, poderá usar-se uma chave linguística que explicita o símbolo e mostre como a frase tem um sentido figurado¹⁷. Assim fez a versão Int. ao traduzir por «beber o cálice de amargura». Introduziu também a palavra amargura em 14,36 que é texto semelhante. Em 10,38 poder-se-ia usar de processo idêntico para se entender o «ser baptizados».

12,14 — «... sabemos que és *homem de verdade*, e de ninguém se te dá, porque não olhas à *aparência dos homens*, antes, com verdade *ensinas o caminho de Deus...*» (F.A.). Há aqui três hebraísmos mais em evidência: 1) *homem*

¹³ R. BRATCHER e E. NIDA, Ob. cit. 271.

¹⁴ Embora tenhamos aqui uma tradução literal do original semítico, verifica-se uma certa extensão do uso da preposição εἰς em frases de Grego clássico onde se exprime uma ideia de destino, como observa JAMES HOPE MOULTON, *A Grammar of New Testament Greek*, Vol. I, 3.ª ed., Edinburg, 1967, 71 s.

¹⁵ R. BRATCHER e E. NIDA afirmam a este propósito: «There are, however, quite proper ways of sayng essentially the same thing, e.g. «the two different people shall be just as though they are one person»... in fact, the only type of expression which can convey the meaning of the original», Ob. cit. 312.

¹⁶ Cfr. F. M. ABEL, *Grammaire du Grec Biblique*, Paris, 1927, XXIX; I. ERRANDONEA, *Epitome Grammaticae graeco-biblicae*, 4.ª ed., Roma, 1949, 20.

¹⁷ R. BRATCHER e A. NIDA, Ob. cit. 332 s.

de verdade não está no texto grego nem no texto latino. É entretanto frequentíssimo na linguagem bíblica este «genitivo atributivo» ou «de qualidade» ou «hebraico», como lhe chamam os gramáticos, a denotar a falta de adjectivos na língua hebraica. É evidente que se substitui por um simples adjectivo¹⁸. 2) *não olhas à aparência dos homens* representa já um esforço para fugir ao hebraísmo mantido na frase grega οὐ βλέπεις εἰς πρόσωπον ἀνθρώπων, cuja tradução literal seria: «tu não olhas para a face dos homens», isto é, tu não consideras as aparências. Mas estas aparências, como observam Bratcher e Nida, «têm que ver com a condição social, económica ou religiosa e não com a aparência física»¹⁹. 3) *ensinar o caminho de Deus* (F.A., M.S., A.N.) ou «caminho querido por Deus» (S.R.) e hebraísmo também onde se verifica que a palavra ὁδός adquiriu o significado de doutrina, religião, «vontade de Deus» (Int.)²⁰ ou, segundo a explicação de Bratcher e Nida, «aquilo que Deus quer que o homem faça»²¹.

Entre os vários hebraísmos presentes no Evangelho de Marcos com alguma persistência nas versões que analisamos, merecem ainda especial relevo aqueles que têm origem nas palavras *espírito* e *coração*. A palavra espírito aparece a designar um centro de emoções, como por exemplo em 8,12. Isso faz com que nalgumas traduções a palavra seja substituída por coração, ficando ainda um hebraísmo semelhante a outro muito bíblico: «vísceras de misericórdia». O hebraísmo de 8,12 é mantido em três das versões que analisamos: «suspirando profundamente em seu espírito» (F.A.), «arrancando do seu coração um suspiro» (M.S.), «com o espírito a fremir-lhe profundamente» (S.R.). A.N. e Int. desdobraram simplesmente o hebraísmo em «suspirar profundamente», o que corresponde substancialmente à frase grega ἀναστενάζας τῷ πνεύματι, embora essa tenha um particípio gráfico com força mais descritiva.

Também a palavra coração καρδιά tem significado que merece uma referência, bem como a fraseologia em que aparece. Lê-se em 2, 8; 3, 5; 6, 52; 7, 6. 19. 21; 8, 17; 11, 23; 12, 30. 33). Sem analisarmos cada caso em particular, notemos ao menos que tem algo de especial que transparece nas nossas versões. Na mentalidade hebraica, o coração לב é sede dos pensamentos

como também dos sentimentos. Designa sempre algo de interno como centro de vida intelectual, de emoções ou de outras experiências humanas. Entra pois em frases de significações e conotações diferentes que nem sempre são tidas em conta, prevalecendo ordinariamente o hebraísmo nas versões portuguesas sob as formas mais frequentes de «cegueira de coração» ou «dureza de coração».

Poderíamos ainda coligir frases, certamente não exclusivas de Mc., que entraram na linguagem comum. Naquelas que a seguir apontamos, nota-se alguma coloração hebraica, seja pela sua expressão em linguagem radical e extremista, seja pela sua forma em paralelismos sinonímicos ou antitéticos, seja pelas suas remiscências de género literário em parábolas. Algumas dessas

¹⁸ M. ZERWICK, Ob. cit. 29

¹⁹ Ob. cit. 371 s.

²⁰ F. M. ABEL, Ob. e lugar citados.

²¹ Ob. e lugares citados.

frases são agora usadas quase à maneira de provérbios e conservadas em forma estereotipada que não tolera fáceis alterações. Alguns exemplos:

- ninguém é profeta na sua terra (6,4)
- o reino dividido será destruído (6,23)
- quem tem ouvidos para ouvir oiça (7,6)
- é mais fácil entrar um camelo pelo fundo duma agulha do que um rico no reino do Céu (10,25)
- em verdade vos digo (de uso frequente, por ex. 8,12; 10, 29)
- os primeiros serão os últimos e os últimos serão os primeiros (10,31)
- dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus (12,17)
- abominação da desolação (13,14)
- o espírito está pronto mas a carne é fraca (15,38).

Neste sucinto trabalho, anotou-se apenas o principal, pois muito mais se poderia dizer sobre hebraísmos nestas recentes versões do Evangelho de Marcos. E que dizer dos outros livros bíblicos?... Um grande campo onde há muito que fazer. Seria ilusão óptica ver em tudo hebraísmos ou influências bíblicas, mas seria ilusão maior fechar os olhos e nada ver. Não haverá dúvidas de que a influência do hebraico na língua portuguesa é uma realidade com verdadeiro interesse.

A. A. TAVARES